

Dario Fo, *Dialogo provocatorio sul comico, il tragico, la follia e la ragione con Luigi Allegri*, Roma-Bari, Laterza, 1990, 163 pp.

O livro de Dario Fo, que saiu em 1990 em primeira edição está dividido em doze partes, que não poderíamos chamar de capítulos, apesar de receber um título, referente ao conteúdo de cada uma, são, na verdade, momentos de uma entrevista-diálogo de Dario Fo, “o maior autor-ator cômico italiano vivo” com Luigi Allegri, professor de História do Teatro e do Espetáculo na Universidade de Parma, Itália.

A décima terceira parte “Nota al testo” contém a informação histórica do colóquio, que foi, por sua vez, composto de duas partes realizadas em tempos diferentes, isto é, a primeira de 1 e 2 de fevereiro de 1989, em Nápoles, por ocasião do encontro “Pulcinella tra immaginazione e rappresentazione” (Polichinelo entre imaginação e representação) e a segunda de 27 e 28 de março do mesmo ano em Alcatraz, em S. Cristina di Gubbio, na propriedade agrícola do filho de Fo, Giacomo.

Segundo o seu interlocutor, “dialogar com Fo é uma das experiências mais fascinantes e, ao mesmo tempo, frustrantes que se possa imaginar ...”. Essa “experiência fascinante” completa de maneira enriquecedora a autobiografia de Fo, a qual, em parte, já conhecíamos através de sua extensa e variada obra de autor e de artista esmerado das artes cênicas, além do seu testemunho no *Manuale minimo dell'attore*, de 1987, onde se revela não só o esplêndido “fabulatore”, como na presente obra, mas também como mestre consagrado na arte de ensinar a representar, e a tornar-se um completo homem de teatro.

Com mais esse volume o leitor terá a oportunidade de verificar, com espanto e admiração, com que maestria esse Autor domina todo o mundo do teatro, a começar pela sua história, que remonta à comédia grega de Aristófanes, passando pela Idade Média, à Renascença, à Commedia dell' Arte, do melodrama arcádico de Metastasio ao teatro burguês do séc. XIX, e chegando aos nossos dias, toda a atualidade da dramaturgia europeia e americana, não deixando mesmo de referir-

-- 150 --

se ao teatro engajado dos países da América Latina, incluindo Cuba e o Brasil. Sempre por meio de um testemunho estritamente pessoal, pois ele é, antes de tudo, um “contador” de histórias, do que muito se orgulha, Dario vai passando todos os segredos do seu *métier*, e, das suas experiências mais longínquas da infância, passada na Lombardia, sua terra natal, explica todas as razões de sua atuação, os momentos decisivos do seu aprendizado, a aquisição de todas as ferramentas e técnicas de que se dispõe hoje para compor, construir e dirigir o seu trabalho. A sua linguagem é simples, coloquial mas, num clima de grande cordialidade vai emitindo opinião clara e incisiva sobre os mais polêmicos assuntos do mundo teatral de hoje: a leviandade e bajulação com que se fazem os programas cômicos da televisão, assentados na caricatura superficial e epidérmica dos políticos e autoridades do Poder, a ausência de uma dramaturgia civil e politicamente engajada da sociedade italiana, o distanciamento do teatro alemão de uma cultura autenticamente popular; ao mesmo tempo, vai traçando a história do teatro cômico e denunciando a escolha cultural da casta dos intelectuais do nosso tempo. Ao

longo do seu discurso podemos aprender também o que constitui a verdadeira linguagem cênica: a força dramática que impulsiona os trabalhadores populares do mar e da terra, entoando seus cantos, movendo-se na gestualidade da dança, ao ritmo e na cadência dos primeiros poetas: dessa inspiração primeira Dario Fo faz sair os elementos estruturais dos contos, das primitivas narrações que estão na base dos monólogos e dos diálogos que, depois, são levados aos palcos e ao seu público, que ele provoca e instiga antes de envolvê-lo e fazê-lo participar diretamente da sua mensagem teatral. Com o talento de quem um dia, na sua juventude, quis ser pintor e arquiteto, desenha os costumes e o vestuário de seus protagonistas, projeta os cenários, joga com as luzes e sombras e delas faz sair as cores; mas, sozinho no palco, despojado das máscaras que tão bem conhece dos cômicos antigos, delas empresta a força e o encanto mágicos com que compõe no próprio rosto os semblantes multifacetados das suas fantásticas personagens: o louco, o deserdado da sorte, o marginalizado da vida, o sábio e o santo, mas sempre o homem do povo, o simples e o ingênuo que “ofende” e

-- 151 --

desafia os poderosos com o crime de ser ele mesmo a vítima de uma sociedade regida pelo arbítrio e pela violência. Benedetto Croce disse que sem um grande gênio não existe teatro; Sartre afirmou que sem uma situação não há teatro; Dario Fo faz-nos crer que sem uma grande paixão pela vida e pela liberdade não pode haver teatro.

Vilma De Katinsky B. de Souza
Universidade de São Paulo